

António Manuel dos Santos Cunha

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN:
MITOS GREGOS
E ENCONTRO COM O REAL



temas portugueses

Título: Sophia de Mello Breyner Andresen:
Mitos Gregos e Encontro com o Real

Autor: António Manuel dos Santos Cunha

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Capa: desenho de Francisco Simões (1991)

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Dezembro de 2004

ISBN: 972-27-1354-X

Depósito legal: 219 988/04

INTRODUÇÃO

Falar de um poeta é como querer apañhar água com as mãos. Prendemos só as nossas próprias palavras, enquanto o poeta nos foge.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN,
A Poesia de Cecília Meireles.

O brilho da cultura grega resplandece pelo mundo inteiro, permanecendo no imaginário das pessoas, como um incontestável modelo de inteireza e equilíbrio que permite, especialmente aos poetas, desvelar o real e fazer emergir a harmonia e a beleza que ainda o habitam.

Da justa aliança entre os diversos elementos que irradiam essa intensa luz grega — «dura», «aguda», «limpa» e «branca»¹ — oferecendo uma efectiva elevação espiritual ao ser humano, os mitos, pela sua universalidade e intemporalidade, e pelas sucessivas cristalizações que facultam, tornam-se um dos elos mais luzentes e pujantes de toda a cultura clássica. Efectivamente, os mitos fazem emergir perplexidades, angústias e questões que o homem coloca a si próprio e ao mundo que o rodeia, convertendo-se numa espécie de grande repositório, de uma vitalidade infinita, onde, não raras vezes, os poetas vão procurar temas que tratam esteticamente de acordo com as suas próprias vivências.

¹ «Ressurgiremos», *Livro Sexto* (= *OP II*, 109). Salvo indicação em contrário, os poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen são citados a partir da colectânea *Obra Poética* em três volumes da Editorial Caminho (1999), à qual nos reportaremos através das abreviaturas *OP I*, *OP II* e *OP III*.

O encanto e o fascínio que os mitos gregos exercem em quem os estuda aumentam inevitavelmente quando a sua luz é reflectida e atentamente depurada pelas palavras puras e límpidas de Sophia de Mello Breyner Andresen, que, desde muito cedo, se deixou seduzir pela cultura clássica, especialmente através da sua mitologia, como ela própria refere ao jornal Expresso de 15 de Julho de 1989:

[...] aquilo de que sempre mais gostei foi do Verão, da praia e das férias. No ano em que aprendi a ler, passei alguns dias numas termas com a minha mãe, a minha avó e umas primas. Como não tinha nada para ler, pedi a minha mãe que me comprasse um livro. Fomos a uma espécie de tabacaria, que era o único sítio onde aí se vendiam livros, e escolhi um que se chamava *Mitologia Grega* porque me fascinei com as fotografias de diversas estátuas. Lembravam-me o mar, qualquer coisa da claridade, da respiração do mar e do ritmo das ondas.

Despoletada que estava esta intensa paixão pelo mundo grego, Sophia fá-la crescer, sem nunca mais a abandonar. Depois de ler Os Velhos Contos Gregos, de Jaime Cortesão, como a própria autora refere em 1993 à revista Noésis (n.º 26), já no limiar da infância lê a Odisseia e, ainda mais fascinada que Nausícaa com a presença de Ulisses, como realça Eduardo Lourenço (1985: 8), absorve toda a claridade grega, aprendendo, a partir desse momento, a olhar as coisas na sua totalidade e na sua forma mais pura²:

[...] um dia encontrei na livraria a tradução de Leconte de L'Isle da *Odisseia*. Foi um dos grandes deslumbramentos da minha vida. Foi em Novembro que o li, era Inverno e eu senti-me no Verão quando li o Homero... E ouvia-se o barulho do mar e todas as coisas do esplendor do mundo.

Tão profundo entusiasmo leva Sophia Andresen a matricular-se em 1936 no curso de Filologia Clássica da Faculdade de Letras de Lisboa, não o tendo, porém, concluído³. Viajou pela Grécia e por toda a região

² Entrevista à revista *Vida Mundial* de 31 de Maio de 1989.

³ Anexamos no final uma cópia do documento de renovação de matrícula atinente ao ano lectivo de 1938-1939, gentilmente cedida pela Ex.^{ma} Sr.^a Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras de Lisboa, Professora Doutora Júlia Ferreira Almeida Flor.

mediterrânea à procura, como ela própria afirma ao Jornal de Letras de 16 de Fevereiro de 1982, «do máximo de verdade [e do] máximo de transparência». Um dia, à entrada do Golfo de Corinto, deslumbrada pela beleza e pela solenidade da paisagem, exclama: «Meu Deus, obrigada por ter nascido!»⁴

Saliente-se que este Poeta, que já no 7.º ano do liceu escrevera no caderno de Latim «É-me necessário escrever poemas, é-me proibido saber porquê»⁵, revela todo o seu encanto e admiração pelo mundo helénico num belíssimo ensaio sobre a arte grega publicado em 1975 com o título O Nu na Antiguidade Clássica, ao qual nos iremos reportar com alguma insistência. Curiosa é também a forma como assistimos na sua obra à recuperação de uma grafia etimológica (abolida como se sabe pelo acordo ortográfico de 1911), presente quer no nome próprio da autora, associando-o ao valor sémico de sabedoria⁶, quer num diversificadíssimo conjunto de vocábulos, como, por exemplo, Orpheu, Eurydice, Dionysos, Endymion, Hydra, Delphos, asphodelos, amphora, etc.

É precisamente à procura desta paixão de Sophia, mais especificamente da que emerge a partir do encanto e do mistério da mitologia grega e tão veementemente evocada com uma extasiada lucidez em toda a sua poesia, que nós partiremos, cientes de que estamos, como faz notar Joaquim Manuel Magalhães (1999: 87), perante «um dos poetas portugueses mais criadoramente seduzidos pelo mundo do classicismo greco-latino».

Nesta conformidade, iremos estudar, a partir do corpus poético da autora, os mitos que aí ocorrem com mais frequência, agrupando-os em cinco capítulos: Orfeu e Eurídice; O Labirinto; Apolo e Díoni-

⁴ *Apud* Pacheco, Fernando Assis, 1995.

⁵ Entrevista ao *Diário de Notícias* de 20 de Dezembro de 1987.

⁶ Recordemos o que Eduardo Lourenço, no prefácio à *Antologia* de Sophia de Mello Breyner Andresen (1985: 7), refere sobre o nome da autora: «Há nomes predestinados. Ou talvez nomes que foram para os seus ocasionais suportes uma luz íntima que os guiou com infalível presciência para o lugar e a posse do que no nome mágico já se anunciava. Sophia — Sabedoria mais funda do que o simples ‘saber’, conhecimento íntimo, ao mesmo tempo atónico e luminoso do essencial, comunhão silenciosa e sem cessar reverberante com tudo aquilo que, por original, a reflexão e seus intérmitos labirintos deixarão intacto.»

sos⁷, *Ulisses e Penélope e, por último, A Casa dos Atridas e a Casa dos Labdácidas.*

Além destes mitos que tecem a fecunda aliança de Sophia com a Grécia matriarcal, todos os outros também presentes na sua obra, como Endímion, Niobe, Medeia, as Musas, as Fúrias, as Parcas, as Nereides, Narciso, os deuses Cronos, Atena e Ártemis, serão também mencionados, e, por vezes, analisados com alguma profundidade, ao longo deste trabalho, já que, de uma forma ou de outra, é possível vislumbrar entre eles alguns pontos de contacto.

Sendo que a poesia é para Sophia «uma perseguição do real»⁸, iremos, pois, verificar como os mitos gregos se revelam imprescindíveis na concretização dessa missão, tão obsessivamente evocada ao longo de toda a obra.

Partiremos então, guiados pela luz dos mitos e pelas palavras de Sophia, ao encontro com o real, pois, como refere a própria autora, num extraordinário ensaio publicado em 1960⁹, a relação do poeta com a realidade é «essencialmente encontro e não conhecimento».

Não poderíamos terminar sem deixar expressa a nossa sincera gratidão a todos quantos deram o seu apoio e incentivo, com particular realce para a Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira pela orientação científica. O apoio bibliográfico, as sugestões metodológicas e o acompanhamento regular foram contributos fundamentais para a realização deste trabalho.

⁷ Assim como Sophia de Mello Breyner Andresen, iremos manter a acentuação e a desinência da língua original no nome do deus Diónisos.

⁸ «Palavras ditas em 11 de Julho de 1964 por ocasião da entrega do Grande Prémio de Poesia atribuído a *Livro Sexto*», *OP I*, 7.

⁹ «Poesia e Realidade», 1960: 53.

O MITO

O poeta cria mitos, não os descreve apenas, não está ao seu serviço. É o mito que está ao serviço do poeta.

EDUARDO LOURENÇO (1987: 55).

Se o passar dos séculos e o conseqüente progresso científico e tecnológico, que ilusoriamente fez acreditar que se tinha encontrado a solução dos problemas da humanidade, alteraram substancialmente as vivências do homem contemporâneo, não mitigaram, todavia, os seus anseios e as suas angústias. De facto, o homem, desde sempre, se questionou acerca da sua existência e da sua relação com o mundo e com a divindade, numa busca constante do absoluto e de perfeição humana.

Sendo os mitos clássicos¹ veículos privilegiados de um saber intemporal e universal, mantêm ainda hoje uma pujante vitalidade, visível na diversificadíssima utilização pelos autores contemporâneos. Da preciosa herança da civilização grega, os mitos são, sem dúvida, os elementos de maior assiduidade na cultura ocidental, actualizados em diferentes áreas do saber,

¹ Desde os Poemas Homéricos, a palavra *mythos* é utilizada de uma forma pouco uniforme, já que tanto pode designar seqüência de palavras, discurso, como narrativa, história real ou fictícia. Sobre o significado da palavra *mythos* e sua ocorrência em autores gregos, v. Maria Helena da Rocha Pereira, «O mito», 1998: 294-303, e «Enigmas em volta do mito», 2000: 13-26.

desde a antropologia, à sociologia, à psicanálise, sem esquecer as artes plásticas e preferencialmente a literatura. Sem perderem a estrutura essencial, proporcionam uma reflexão constante sobre os valores e os ideais das sociedades modernas.

Segundo Walter Burkert (1991: 15), o mito encerra em si uma grande ambiguidade, já que «é ilógico, inverosímil ou impossível, talvez imoral, e, de qualquer modo, falso, mas ao mesmo tempo compulsivo, fascinante, profundo e digno, quando não mesmo sagrado». Fernando Pessoa (1999a: 72), num brilhante e conhecidíssimo *oximoron*, reporta-se a esta mesma ambiguidade, afirmando no poema «Ulisses» da *Mensagem*: «O mito é o nada que é tudo.» Porém, a vitalidade do mito advém-lhe precisamente deste seu carácter ambíguo, capaz de se constituir como uma explicação cabal da vida e da alma humana, contribuindo para uma clara ordenação e fundamentação da realidade.

Na Grécia antiga, estas narrativas tradicionais dominavam toda a cultura. Rejeitá-las seria, na opinião de Jean Pierre Vernant (1991: 18), «o mesmo que deixar de falar grego, deixar de viver à maneira grega: perder a identidade». A divulgação deste conjunto de saberes deu-se através das artes plásticas e sobretudo através da palavra, nomeadamente pelos cantores profissionais de recitação, sem esquecer também o importante papel das mulheres que contavam antigas fábulas aos seus meninos.

A esta tradição oral que proporcionou aos Gregos um primeiro contacto com o universo mitológico, seguiram-se as primeiras cristalizações através de Homero e de Hesíodo². A audição desses poemas, importantes reservatórios de mitologia grega, era feita não só em privado, mas fundamentalmente em público através dos rapsodos que participavam em festas oficiais³ e em

² Segundo Hérodoto (*Livro II*, 53), foram estes dois poetas que permitiram aos Gregos o conhecimento dos mitos, designadamente os nomes, a caracterização e as atribuições dos deuses. Refira-se, contudo, que na opinião de Aristóteles (*Poética*, 1448b) é natural que tenham existido antes de Homero muitos outros poetas, o que permitirá, nesta perspectiva, concluir que o contacto com o universo mitológico se terá efectuado antes da intervenção destas duas eminentes figuras da cultura grega.

³ Observe-se que, como ouvimos Sócrates referir (*Hiparco*, 228b-c), foi Hiparco que levou para Atenas as epopeias de Homero e obrigou os rapsodos a recitá-las nas Panateneias.

banquetes⁴. Os ouvintes não só se deleitavam, como adquiriam um importante saber⁵ revestido de memória, capaz de lhes proporcionar uma visão da Hélade como um todo dotado de uma cultura comum.

A difusão literária dos mitos prosseguiu, motivada pelo contributo dado por Homero e Hesíodo, que funcionaram, durante alguns séculos, como modelos de referência. Poetas como Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Píndaro viam na mitologia não só um considerável suporte artístico, mas também um excelente meio de reforçar e clarificar a mensagem que pretendiam veicular⁶. Para eles os mitos tinham uma importância vital, sendo dotados de um grande simbolismo capaz de dar corpo aos sentimentos dominantes do seu tempo.

Ao mesmo tempo que se assistia a uma grande divulgação literária dos mitos, começavam a surgir contundentes críticas a todos aqueles que, dando-lhes forma dramática e pessoal, adulteravam a estrutura original destas narrativas populares, ignorando alguns elementos e reconstituindo outros de acordo com o seu poder criador. Tal procedimento levou Platão a condenar energicamente todos os poetas que divulgavam ideias falsas e indignas acerca dos deuses⁷. Já no século VI a. C., Xenófanes

⁴ Era frequente entre os Gregos a realização de imponentes banquetes, constituindo-se como importantes momentos de puro convívio. O *symposium*, parte final do banquete, destinado à bebida, era, sem dúvida, um momento muito apreciado. Presidido pelo simposiarca, escolhido à sorte de entre os convidados, decorria de acordo com um conjunto complexo de regras de etiqueta, estando algumas delas bem documentadas, quer na literatura, quer sobretudo em taças e vasos gregos. O *symposium* começava com um hino cantado pelos convivas (v. Xenófanes, frg. 1 Diels), seguido das libações e preces aos deuses. O canto de obras de grandes poetas, as «canções de mesa», era uma presença obrigatória nestes eventos festivos (v. Aristófanes, *As Vespas*, 1219-1222).

⁵ Xenofonte (*Banquete*, III, 5-6, e IV, 6) salienta a importância dos Poemas Homéricos na educação dos jovens e de todos aqueles que quiserem administrar bem as suas casas ou desejarem ser bons oradores ou bons militares.

⁶ Refira-se que Píndaro (1.^a *Ode Olímpica*, 29, 52) revela uma atitude eclética, não aceitando versões que diminuía os deuses considerando-os, por exemplo, antropófagos.

⁷ Recorde-se que Platão (*República*, 606e-607a) considera que só os poetas que não descaram o valor ético da poesia, compondo hinos aos deuses e composições que exaltam os homens honestos, deverão ser admitidos na

ÍNDICE

Introdução	7
1 — O MITO	11
2 — ORFEU E EURÍDICE	17
3 — O LABIRINTO	55
4 — APOLO E DIÓNISOS	93
5 — ULISSES E PENÉLOPE	145
6 — A CASA DOS ATRIDAS E A CASA DOS LABDÁCIDAS	177
Conclusão	197
<i>Bibliografia</i>	201
<i>Índice de poemas analisados e referidos</i>	211
Anexo	215